ABRE ASPAS: MÁRIO LANZNASTER

O leitor já deve ter identificado o feijão Azulão nas prateleiras dos supermercados e certamente não se deu conta de que o produto é resultado do esforço coletivo de 10 mil produtores cooperativados do Oeste catarinense, mais precisamente os integrantes da Cooperativa Regional Alfa (Cooperalfa), uma entidade cujos sócios produzem uma média de 300 suínos, 48 mil aves e cerca de 2 mil litros de leite/ano por família. Enquanto a média em Santa Catarina é de 57 sacas de milho por hectare, os associados da Cooperalfa produzem 80. Isso graças à implantação de um campo demonstrativo em uma área de 40 mil metros quadrados, onde funciona uma microestação experimental a céu aberto, em que são disseminadas tecnologias adequadas a cada propriedade. Foi para falar dessa experiência pioneira que AGROANALYSIS convidou para esse Abre Aspas o engenheiro agrônomo Mário Lanznaster, dublê de produtor rural de Chapecó, SC, e presidente da Cooperalfa, que passa boa parte do seu tempo em viagens, MBAs e seminários pelo Brasil afora em busca da atualização permanente. Evolução para ele é sinônimo de acompanhar tudo o que acontece. O ser humano deve ser "construído", sentencia.

Fator de união

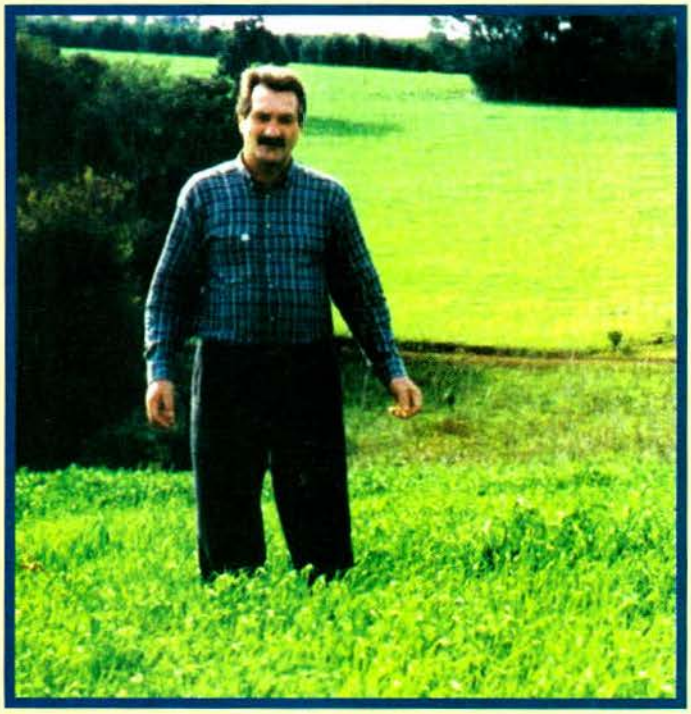
Sem as cooperativas, as perdas do produtor seriam líquidas e certas

DA REDAÇÃO

❖ **Qual é a estratégia da Cooperalfa para fazer crescer o número de cooperados?**

— O agricultor, especialmente o minifundiário, sem o amparo da cooperativa, fatalmente seria um elo isolado da cadeia produtiva, pois ficaria sem acesso à assistência técnica, não teria a concepção do desenvolvimento continuado e seria seriamente assediado por vendedores de insumos, cuja necessidade de uso na propriedade poderia ser questionável. Sem o amparo desse instrumento coletivo de alcance do mercado denominado cooperativa, o agricultor estaria nas garras do leonino mercado da compra de sua produção, cujas perdas seriam líquidas e certas.

Além disso, não se conhece outra entidade econômica que se proponha ouvir os anseios do produtor e discutir o crescimento econômico e social do campesinato envolvendo, além do homem agrícola, a mulher e o jovem agrícola. Essa macrovisão do agronegócio é que faz crescer o número de cooperados também qualitativamente.



❖ **Essa estratégia acaba atraindo também os excluídos das integrações tradicionais?**

— A meta principal das empresas de capital aberto é o lucro, que vem a ser o que o acionista persegue. Nas sociedades cooperativas, o resultado financeiro também é buscado, mas não só isso. Aqui temos um forte mote social, com a distribuição da cota-capital, que

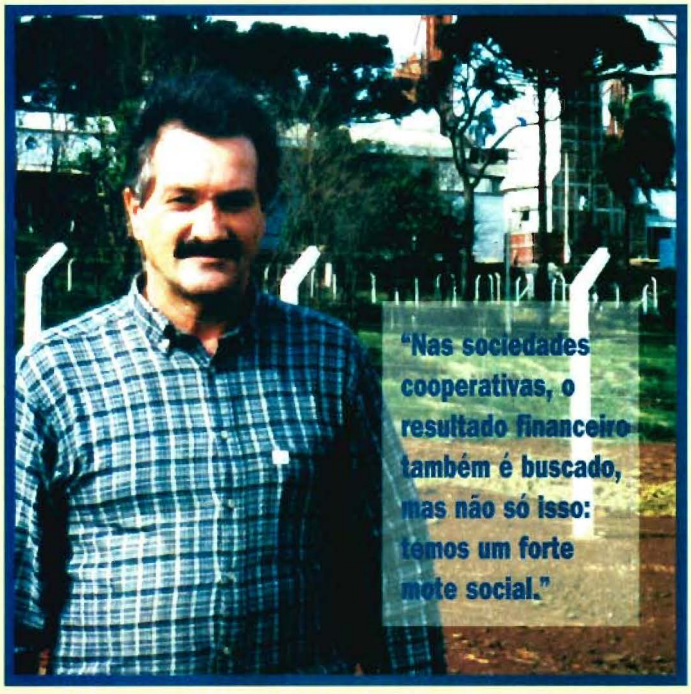
é uma espécie de poupança montada pelo cooperando através da venda de sua produção. Além do valor pago, acrescentamos 1% sobre o total da nota fiscal, ao qual é somado o lucro da cooperativa conseguido ano a ano, dividido proporcionalmente conforme o movimento de cada sócio.

Aos 60 anos de idade, o associado recebe 60% do montante acumulado, e aos 68, ele ou sua família retira o restante e ainda assim pode permanecer na sociedade, se desejar. Em três anos, distribuímos quase R$7 milhões nessa modalidade. É uma espécie de dividendo, possibilitado pela integralização e capitalização das sobras operacionais. Essa estratégia emergiu dos próprios cooperados e foi aprovada estatutariamente. Entendemos que muitos agricultores estejam produzindo e operando conosco por causa da cota-capital à qual cada um adere, contribuindo para o bolo que soma hoje R$20 milhões de patrimônio líquido.

Se a cooperativa não existisse, milhares de pequenos produtores estariam alijados do processo produtivo, fossem ou não procedentes das integrações tradicionais. Também não somos casa de misericórdia ou de filantropia, com os olhos voltados somente para o aspecto social. Aqui também se fala a linguagem da eficiência.

❖ **Como a Cooperativa consegue reunir a força dessa massa de pequenos?**

— No cooperativismo agropecuário catarinense não há praticamente grandes produtores. Nossos sócios produzem, em média, 300 suínos por ano com 15 matrizes cada um; 48 mil aves cada propriedade integrada e 2.128 litros de leite por família/ano. São quantias modestas, mas a artéria de onde brota essa produção não é ineficaz, uma vez que o custo de produção também é baixo, por ser utilizada basicamente a mão-de-obra familiar. Enquanto a média catarinense é de 57 sacas de milho por hectare, os associados da Cooperalfa produzem 80. Isso revela que o pequeno produtor incorpora a tecnologia e o faz através de nosso campo demonstrativo, que é o nosso educandário, uma espécie de microestação experimental a céu aberto. Numa área de 40 mil metros quadrados, despertamos nos agricultores a busca de novos índices de produtividade. Esse acompanhamento e discussão com técnicos das companhias e da cooperativa facilitam o uso de tecnologias adequadas para cada propriedade. Programas como os de Administração Rural, Qualidade Total e Sanidade Animal também contribuem.



❖ **Em que medida essa estratégia entra em choque com o fenômeno mundial da maior competitividade?**

— Cada um deve definir seu foco de atividade e ser muito eficiente na atividade principal. Um produtor com 15 matrizes suínas, se tiver o suporte da produção própria de milho e seguir as dicas corretas de manejo, terá lucro ou pelo menos garantirá sua sobrevivência na condição de agente econômico. O que não pode é desviar do foco.

❖ **Mas a Cooperalfa, historicamente, disseminou a diversificação de atividades...**

— Certo, mas se o agricultor diversificar demais perde o rumo. Geralmente o grande produtor é menos eficiente que o pequeno. Se o grande ganha na produção em escala, o pequeno é especialista em cuidar dos detalhes. É por isso que temos miniprodutores produzindo suínos com 100kg de peso, da geração *light*, em apenas cinco meses. Ele acompanha, está mais perto dos animais. É outro nível de dedicação.

❖ **Isso quer dizer que as 10 mil famílias que a cooperativa congrega correm por fora dos demais setores do agronegócio...**

— Sim, além de percorrer um caminho paralelo para alcançar o mercado, a própria cooperativa tem de ser muito eficiente. No mundo inteiro o sistema cooperativo já deu mostras de seus benefícios. No entanto algumas cooperativas não foram e não vão bem por causa das pessoas, seja pelo despreparo técnico, político-moral (no sentido de compreender o diferencial cooperativo), por fator psicológico dos dirigentes, ou ainda por falta de vínculo com o cooperado. A limitação está nas pessoas, não no modelo. No entanto, quando se junta um grupo de pessoas com atividades afins – o que é o nosso caso – ganha-se na compra e na venda, pois em ambas as situações há maior poder de barganha e essa diferença é sentida no bolso de quem produz. Até quem não é proprietário de terra pode ser sócio da Cooperalfa. Basta que produza, mesmo em lavoura arrendada.

❖ **Qual o significado da marca Aurora, da Coopercentral Oeste Catarinense, para os agricultores associados ao sistema e qual seu vínculo com a outra Aurora, a vinícola de Bento Gonçalves, do Rio Grande do Sul?**

— Na área de carnes, a marca Aurora existe há mais de 40 anos, criada pelo antigo Frigorífico Marafon, comprado em 1969 pela Coopercentral em parceria com o Banco do Brasil. Foi assim que as cooperativas agropecuárias do Oeste catarinense passaram a vender melhor os suínos produzidos pelos cooperados. Até então, a única saída era vender para as SAs. A Aurora de Bento Gonçalves também detém a marca Aurora, só que na atividade de vinhos. Isso faz com que a Aurora Carnes, por exemplo, não possa utilizar essa marca na linha de sucos.

Quando a Coopercentral foi constituída, houve a congregação de forças e o amparo na área de suínos. Mais tarde foram estruturadas a avicultura e a citricultura. A própria competição gerada entre Sadia, Perdigão, Grupo Chapecó e Aurora foi fator decisivo para o crescimento da agropecuária catarinense. É por isso que aqui estão as maiores e melhores agroindústrias do Brasil, com a maior concentração de aves e suínos do país. Bendito o

concorrente que não dá descanso a ninguém.

❖ **Quais os principais produtos da Cooperalfa?**

— Temos o farelo de soja, o óleo degomado, as farinhas de trigo e de milho, com as marcas Delis e Jubá. Temos também as marcas Azulão, para feijão; o Alfitos, na linha de salgadinhos, e a Alfa-mix, uma modalidade de farinha de trigo pronta, destinada às padarias.

❖ **Em que marcas a Cooperalfa aposta suas fichas nos próximos anos?**

— Até há pouco tempo produzíamos apenas farinha de milho e hoje o leque é maior. Contratamos técnicos especializados e adquirimos equipamentos de última geração que garantiram novos padrões de qualidade. Nosso farelo de soja é indiscutivelmente de alto padrão, tanto que está sendo usado pelas agroindústrias da região e temos condições de competir com outros concorrentes.

❖ **Como está a situação das cooperativas agropecuárias no Brasil?**

— A agricultura pagou um preço alto pelo Plano Real. Dizem que o frango foi quem suportou o sucesso do plano. Na verdade, a moeda deveria ser cunhada com um frango de um lado e um suíno do outro. Ultimamente parece que a agricultura dá sinais de reação. Ao que tudo indica, deveremos alcançar cerca de 90 milhões de toneladas na safra 2000/01. Essa reação é positiva. Só que o Brasil não tem tesouro, não tem caixa para subsidiar a agricultura como fazem os países ricos. O mundo consome hoje cerca de US$1 bilhão por dia para subsidiar o campo. No Brasil, não. Aqui se paga tudo e ainda assim não existem fontes financiadoras das lavouras. A contribuição do setor primário para salvar a moeda já foi dada. Basta dizer que a carne mais barata do mundo está aqui no Brasil, seja de frango boi ou porco... sem contar que são proteínas de alta qualidade, prova é que estão sendo bem aceitas em nível internacional. Seria conveniente que o próprio consumicor brasileiro pagasse um pouco mais pelo que consome internamente. Cabe aos outros setores da economia também contribuir. As cooperativas ligadas a esses segmentos passaram pelas mesmas dificuldades dos agricultores. Quem lidou só com *commodities*, sem agregar valor, quebrou.



❖ **O Recoop serviu para alguma coisa?**

— Depois da novela para a liberação, o Recoop regou as cooperativas, melhorando o perfil das dívidas. Mas parte dessas dívidas era dos agricultores com suas entidades. A Cooperalfa está numa situação relativamente boa, especialmente graças à industrialização. De qualquer maneira, o Recoop trouxe mais tranqüilidade.

❖ **Que ações públicas devem ser desencadeadas para que o cooperativismo fique ainda mais forte?**

— O que o governo deve é olhar para a absurda tributação da agricultura, que é pesada demais. É crucial uma reforma tributária neste país, dando aos produtores o mesmo tratamento dado aos produtores do Canadá ou Estados Unidos. Nesses países, o imposto é pago na boca do caixa, via consumidor. A atual carga tributária no campo, na faixa de 32%, inviabiliza qualquer competitividade. O mundo tem 6 bilhões de bocas para alimentar e há procura externa por nossos produtos. Em breve faltará produção. Ainda estamos atravessando uma fase de superoferta, mas o dia em que faltarem alimentos, a sociedade mundial pagará caro por isso. A biotecnologia, com os OGMs (organismos geneticamente modificados), queiramos ou não, com o tempo, vai trazer sua parcela de contribuição para ampliar o volume de produção.

❖ **E do ponto de vista tecnológico?**

— Quando alguém disse que a Terra girava em torno do Sol, as pessoas levaram 100 anos para admitir. A primeira coleta de sêmen para melhoramento genético em animais domésticos gerou a maior controvérsia. O transplante de embriões foi duramente criticado. É evidente que o homem deve usar a tecnologia corretamente. A própria Bíblia recomenda que o mundo seja explorado pelos homens. Não há nada de errado no avanço da biotecnologia. Quando o planeta tiver 10 bilhões de pessoas, com os mesmos espaços para produzir, quem sabe vamos entender melhor isso?

❖ **Como o senhor avalia a questão trabalhista na agricultura? A legislação é um entrave para o crescimento do nível de emprego agrícola?**

— Em 1988 a Constituição brasileira teve zelo em excesso ao proteger o trabalhador rural. A repercussão se deu no campo, onde proprietários rurais com cinco ou 10 empregados foram surpreendidos do dia para a noite pela Justiça do Trabalho. Vários liquidaram suas propriedades por causa de reclamações trabalhistas. Isso ajudou a inchar a periferia de várias cidades, com gente sem qualificação, sem estrutura educacional. Foi um equívoco enorme, tanto que o próprio Congresso sentiu o drama e pelo menos igualou os direitos do trabalhador do campo aos do trabalhador da cidade, já que o da cidade tinha menos proteção legal. Isso custou caro a toda a sociedade e provocou mais violência urbana.

❖ **Como é, para um engenheiro agrônomo, administrar uma cooperativa?**

— A agronomia traz uma visão eclética da cadeia do agronegócio. Cada administrador deve estruturar seu time, onde todos joguem no mesmo sentido, ou seja, não há distinção entre cooperativa ou qualquer outra empresa. O consumidor quer saber de qualidade e preço. Para isso é preciso saber competir, com a ajuda de profissionais qualificados.